

FIBRA

Merco-Oeste a grande idéia



Em que consiste a idéia do Merco-Oeste?

— Antes de falar no Merco-Oeste, vamos falar um pouquinho sobre a economia do Distrito Federal. Brasília tem 37 anos, foi criada para ser uma cidade administrativa, para que tivesse, quando chegassem ao ano 2000, 450 a 500 mil habitantes. Só que ainda faltam três anos e já estamos próximos dos 2 milhões de habitantes. A cidade ficou com uma necessidade muito grande de resolver os seus problemas econômicos. Por quê? Porque há 37 anos, 100% dos recursos do Distrito Federal eram repassados pela União. Depois, Brasília adquiriu a independência política, mas não a econômica. E também foram crescendo os problemas, como a ampliação das cidades-satélites, a grande imigração. E então, a cidade foi crescendo, de tal forma que esses recursos, hoje, representam cerca de 62% de suas necessidades.

Então, Brasília enfrenta sérios problemas de caixa, o que é um problema de todos os estados. Mas, agora, chegou a um ponto em que a cidade terá que resolver seus problemas - não só políticos, mas também econômicos.

O que está acontecendo é que temos hoje a renda per capita maior do País, que é a do Plano Piloto. Cerca de 83% do que nós consumimos, hoje, são importados, isto é, vêm de fora, de outros estados ou de outros países. Para gerar essa riqueza necessária ao Distrito Federal e para gerar emprego, também, que é outro problema muito sério, é necessário que tudo isso seja produzido aqui, porque 18,5% da força de trabalho que temos está desempregada. Aqui em Brasília só há dois setores para emprego - ou é no comércio ou é nos governos federal e estadual. O comércio está saturado, porque ele vive de acordo com o movimento, de acordo com as épocas de final de ano.

E o governo está em processo de reformulação do Estado.

— Exatamente, o Governo está desempregando, estimulando essas pessoas para sair para trabalhar. Trabalhar aonde? Por isso temos que pensar no ponto de desenvolvimento econômico. E aí, quando assumimos a presidência da Federação, há um ano e meio, trabalhamos muito com esse governo para criar uma política de desenvolvimento econômico. E, esse projeto foi aprovado no dia 20 de dezembro do ano passado e sancionado ainda no final do ano, e vamos agora, implantar esses distritos industriais aqui em Brasília. Porque não só o brasiliense, mas todo brasileiro quer lucro, e em Brasília existe uma tradição, pela qual a Terracap, vende o terreno para instalar uma indústria, que chama retrovenda, então a pessoa fazia uma aplicação imobiliária, ele comprava o terreno, construía galpão e não implantava indústria.

Aquilo valorizava e logo a seguir ele vendia o galpão e tinha seu lucro. Toda vida foi assim, mas, hoje, nós mudamos. O que estamos querendo fazer é levar os incentivos fiscais, não para o Plano Piloto, porque já está saturado, e sim para as cidades-satélites, porque poderíamos direcionar a vocação individual de cada cidade-satélite?

— Nós começamos a receber, até ontem, três missões de outros países que vieram aqui à procura de negócios. Esses contatos estão surtindo efeitos agora. Há um interesse muito grande, principalmente na Alemanha, das pequenas e médias empresas.

Mas os incentivos são tão atrativos quanto os que Goiás está oferecendo?

— São. Muitas vezes são iguais e até um pouco melhores...

Quais são?

— Tem o incentivo, primeiro, na aquisição do terreno, você paga o terreno por 30 anos, sendo renovado por mais 30 anos, pagando uma taxa de 0,5% de ocupação. Nesse período você faz a implantação da indústria. O ICM nós temos 70% do incentivo, você tem 70% e vai começar a pagar-lo após 12 anos, R\$ 144 mil e a correção dele é de 0,2%. A garantia que você vai ter para poder pagar esse imposto, você paga 10% desses 70% e faz uma aplicação financeira. Essa aplicação, por mais baixa que seja a taxa de apuração, depois de 12 anos ela paga os 70% porque não tem correção. Tem isto nos outros estados, mas nos outros estados era em 5 anos, depois passaram para 10 anos. Nós fizemos 12 anos. Então você tem o terreno como incentivo para instalação de indústria, a parte tributária que é o ICM você só paga 30% do tributo que deve. Se você vai pagar R\$ 100 mil em impostos, paga 30% e 70% correspondem ao incentivo. E depois você tem aqui o privilégio do Centro-Oeste e do Fundo Centro-Oeste, que financiam a implantação da indústria.

O outro ponto, também muito positivo que temos aqui e que temos que explorar é que estamos no centro do País, e aqui é um ponto de irradiação para todas as capitais, com estradas asfaltadas ligando todas as capitais, com infra-estrutura de melhor qualidade. Nós temos o terceiro aeroporto em movimento do país, ainda, em fase de adaptação com um movimento muito forte. Temos essa ligação via aérea com todas as capitais, e também, uma ligação com a América do Sul.

E os juros do FCO?

— Os juros ainda estão altos, hoje estão cobrando 6% ao ano mais TJLP. A TJLP hoje está a 9% com mais 6 dízimos. Nós estamos lutando para que isso fique em 3% mais TJLP para ficar em torno de 12% ao ano, ou seja, 1% ao mês. Porém, você tem 10 anos para pagar e 3 de carência.

Agora, o senhor, que é empresário, acha que esses incentivos vão favorecer a implantação de um grande número de indústrias no Centro-Oeste?

— Acho que os incentivos têm tudo para acontecer. O que nós precisamos é que esses juros baixem um pouco mais porque nós temos, hoje, o financiamento do BNDES por 3% mais TJLP. Precisamos que o Fundo Centro-Oeste baixe também para 3%. Acho que, com esse trabalho que estamos fazendo, conseguiremos, e é viável, porque o prazo, de 10 anos, achamos que é viável. Nós temos aí todos os incentivos e a parte física, porém, uma empresa, um empresário, quando vem, quando ele procura instalar sua indústria, a primeira coisa que ele procura é mercado, depois é que vai procurar o incentivo, o local para instalar, e nós temos o local. Então, esse é o primeiro ponto para a oportunidade do negócio. O segundo são os incentivos e o terceiro ponto muito positivo é que nós estamos junto ao poder. Nós estamos na capital da República, onde as decisões políticas são tomadas. Você tem todo o contato com os três poderes, tem o contato com as embaiadas, em termos de importa-

xar sardinha para o seu lado, cada um montando um projeto, dando incentivos fiscais, cada um querendo derrubar o outro? Acho que é a hora desses empresários se reunirem, sentar em volta de uma mesa e se organizarem para saber as vocações econômicas de cada estado. Vamos dar um exemplo do Porto Seco?

Por que o Porto Seco falou em primeiro lugar para o Mercado do Centro-Oeste para depois pensar em Mercosul?

Se nós conseguirmos sentar empresários e governo e começar a discutir todos os problemas de nossa região, tenho certeza que as soluções vão aparecer.

ou 1% ao mês. Ao mesmo tempo, revela o presidente da Fibra que os governadores, senadores e deputados do Centro-Oeste, além dos presidentes de federações da indústria e do comércio, estão decididos a organizar o Mercado do Merco-Oeste, com políticas públicas e incentivos comuns. A idéia é somar, sem esquecer o Distrito Federal, que precisa produzir aqui tudo quanto consome. Entrevista a Tarcísio Holanda.

Um dos exemplos que citei na reunião, na semana passada, com todos os presidentes de federações desses estados, com mais 19 senadores e alguns deputados e dois ministros. Aproveitamos a homenagem ao ministro Iris Rezende, e estava presente também o ministro dos Transportes. E começamos ali uma primeira reunião para poder dar forma à idéia.

Será que o Porto Seco era interessante instalar aqui? Ou seria melhor instalar em Goiânia? Será não iria pegar todo esse potencial agrícola do Centro-Oeste para fomentar as exportações de grãos direto por ele? E em compensação traria para Brasília uma empresa de alta tecnologia para ser instalada aqui? Por que não sentarmos para discutir todo o Centro-Oeste? Essa é a idéia. Agora nós sabemos que temos o potencial no Brasil, mas vamos falar só de Centro-Oeste, em nível de turismo, que ninguém conhece porque não é nem

divulgado. E também porque não pode. Não pode por quê? Tem que se criar normas, as normas têm que ser cumpridas e analisadas. Porque nós estamos em uma região que não é desenvolvida, como a que compreende os estados do Sul, mas que é muito mais fácil você proibir as coisas e não ter um desenvolvimento adequado.

Os senhores estão tratando da constituição do Mercado do Centro-Oeste, mas, chegam a designar um grupo de trabalho para cuidar da integração com o Governo, para ver a possibilidade de sugerir a adoção de políticas públicas?

— Na realidade, fizemos a primeira reunião e lançamos a idéia e todos eles gostaram. Agora, vamos fazer a segunda. Vamos designar um grupo de trabalho para poder sentar e nos organizarmos para depois falarmos com os

‘O que estamos querendo fazer é levar os incentivos fiscais, não para o Plano Piloto, porque já está saturado, e sim para as cidades-satélites, porque poderíamos direcionar a vocação individual de cada cidade-satélite’

Governo fez. Então, se tivermos essa força política no Centro-Oeste, vamos ganhar. Acho que Brasília chegou a um instante, um momento, em que não tem outra saída. Ela tem que procurar, por meios próprios, que seu desenvolvimento passe agora para a iniciativa privada e deixe de ser definitivamente do Governo.

Quase todo final de ano me chamam para ser padrinho de formatura escolar e eu sempre tenho um discurso padrão, diferente dos outros: acho que a pessoa, o aluno, quando sai da faculdade, os pais dele ou ele mesmo fazem um grande investimento, frequentemente acima de suas posses. Então, essa pessoa tem por obrigação, ao sair, gerar emprego, e não procurar emprego. Você tem que montar o seu negócio em cima da sua profissão, e aí sim, gerar de dois a quatro empregos. Ficamos muito gratificados quando encontramos com uma pessoa que está se formando e nos diz que seguiu o nosso conselho.

Essa é uma forma de apelar para os brios da pessoa?

— Claro, você trabalhou a vida inteira, gastou, investiu um dinheirinho e fomos e agora vai atrás de emprego. Por que não, monta o seu negócio e vai à luta?

Não quer dizer que, com esse projeto do Merco-Oeste, de fazer uma integração dos estados, nós venhamos a esquecer o Distrito Federal. Vamos continuar trabalhando para o desenvolvimento, para instalar nossas empresas, porque em qualquer cidade que de 40, 50 mil habitantes tem uma fábrica de bolachas, uma fábrica de macarrão, e nós não temos nada disso aqui em Brasília.

Falam muito da poluição... Como é que se faz industrialização sem poluição?

— A idéia do Merco-Oeste é tão avançada que nós poderíamos chegar a um determinado acerto de que não vamos montar nenhuma indústria no Distrito Federal, porque nós vamos levar essas indústrias para o Entorno, porque lá é que vai gerar os empregos necessários, vamos levar as pessoas do Distrito Federal para trabalhar lá. Porém, vamos criar uma maneira de produzir aqui tudo quanto se consome aqui. Nós somos o único País do mundo que exporta imposto para outros estados. Se temos aqui o poder aquisitivo e o consumo altíssimos, se o imposto fosse pago na ponta do consumo, e não na produção, com certeza, não teríamos nenhum problema de arrecadação. Queremos mudar isso. O projeto está no Congresso e vamos conseguir porque há um interesse dos estados.

— O que acontece no Distrito Federal, e também em qualquer lugar do País, onde é começar o desenvolvimento, começar um projeto social, e provocar aquela corrida, aquela onda migratória, para aquela lugar. No governo passado, o Rio sóltou o famoso projeto, que nós aplaudimos, de erradicação de todas aquelas favelas do Plano Piloto, levando os favelados para uma moradia condigna. Só que acho que ninguém pensou que isso iria desencadear uma corrida. A mesma coisa aconteceu em Serra Pelada. E nós não podemos impedir as pessoas de chegar aqui, porque todos nós viemos para cá, através de uma oportunidade melhor de vida, de negócio. E, na verdade, viraram para Brasília muitas pessoas sem profissão definida. Mão-de-obra desqualificada. Nós temos três tipos de desempregados aqui: o desempregado qualificado e o desempregado crônico, que nunca foi empregado, e o desempregado universitário, que sai da faculdade com um diploma e não tem onde trabalhar.

Nós tivemos, há cerca de 120 dias, um problema político que o Governo abriu para o Nordeste, e para o Centro-Oeste, em que de uma medida provisória, dando incentivos para a indústria automobilística, cujo prazo se encerrou no dia 31 de maio, sem renovação. Tivemos até algumas indústrias de motocicletas, de trator, vindo para Brasília, sendo o projeto aprovado no Ministério da Indústria e Comércio. Vão se instalar em Brasília e em Goiás, aproveitando esses incentivos. Por que? É a força política. A força de um Estado, como foi no caso da Bahia, foi jogo político e o DF completamente mudado.